



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de início das obras de construção da Plataforma P-52 e de
lançamento do Programa Nacional de Petróleo e Gás Natural**

Angra dos Reis – RJ, 19 de dezembro de 2003

Meus companheiros,
Minhas companheiras,
Minha querida governadora Rosinha,
Meus companheiros ministros Jaques Wagner e Anderson Adauto,
Minha querida companheira Dilma Rousseff,
Meu caro prefeito de Angra,
Meu caro Carlos Lessa, presidente do BNDES,
Meu caro José Eduardo, presidente da Petrobras,
Secretários de estado,
Deputados federais.
Vereadores,
Dirigentes sindicais,
Dirigentes das empresas que estão aqui presentes,

Eu quero dizer a vocês que estou muito feliz de estar aqui com vocês. Estou feliz porque a construção de uma plataforma, aqui, se deu depois de um debate de muitos meses entre a ex-direção da Petrobras e todos nós que estamos aqui.

Eu me lembro quantas reuniões os engenheiros da Petrobras fizeram para provar que era possível fazer essa obra. Eu me lembro de algumas reuniões que nós fizemos com vários setores empresariais da indústria naval para provar que era possível fazer a obra aqui. Houve quem colocasse matéria paga nos jornais, dizendo que não era possível fazer a obra aqui. E, hoje, foi



assinado o compromisso de fazer essa obra.

Qual é a coisa importante que está acontecendo? O Brasil já teve a segunda indústria naval do mundo. O Brasil só perdia para o Japão, na década de 70. E, hoje, nós temos uma dívida e gastamos por conta de fretes, por ano, praticamente, seis bilhões de dólares.

Um belo dia apareceu um grupo de dirigentes, neste país, que resolveu acabar com a Marinha Mercante brasileira. Ao invés de ter navios brasileiros, com trabalhadores brasileiros, com bandeira brasileira, nós passamos a ter navios estrangeiros, com trabalhadores estrangeiros, com bandeiras estrangeiras, num país que tinha uma indústria naval altamente competitiva como qualquer outra indústria do mundo.

Ora, não era justo que se desmontasse exatamente um dos setores da economia brasileira que funcionavam bem, que era a indústria naval. A intenção de desmontar foi a mesma intenção que levou, nos últimos anos, o Brasil a abrir mão de um extenso patrimônio público de muitas empresas importantes, a troco de poucos benefícios.

De qualquer forma, nós estamos aqui, hoje, apenas confirmando que a indústria naval brasileira veio para ficar, definitivamente, como uma indústria de excelência que, ao invés de importar, passa a exportar aquilo que nós produzimos.

Eu trabalhei na Villares durante 17 anos. E a gente fazia, dentre outras coisas, motor de navio, ponte rolante. De vez em quando, nós recebíamos lotes de peças que vinham do Japão, por exemplo, e eu ficava com os meus companheiros inspetores avaliando as peças. Inegavelmente, o trabalhador brasileiro é imbatível em criatividade e em qualidade neste mundo. As nossas peças eram muito melhores.

Nesses dias, fui à Mercedes Benz. E o Presidente mundial da Mercedes Benz, num discurso na porta da fábrica, disse que a Mercedes tem fábricas em vários países do mundo mas, inegavelmente, era no Brasil que ele tinha os



trabalhadores mais competentes e mais produtivos do mundo.

Isso é motivo de orgulho para um Presidente da República, para um governador, para um prefeito e, sobretudo, para quem trabalha e vê que, lá de fora, tem gente percebendo que não é apenas no futebol ou no carnaval que nós somos bons. Somos bons em muitas outras coisas.

Quando estamos aqui, neste estaleiro – passei perto de uma obra que, no ano passado, estava começando e vejo essa obra quase pronta – eu fico com orgulho de ser brasileiro.

A gente vive dentro do Brasil e tem gente que não dá importância. Tem gente que acha que as coisas de fora são melhores do que as do Brasil. Houve um tempo em que qualquer coisa que tivesse “*made* outra coisa” já era importante. E uma das tarefas que temos é a de, ao recuperar a auto-estima do povo brasileiro, fazer com que o povo brasileiro passe a gostar daquilo que nós mesmos fazemos. Ninguém faz melhor do que nós. Muitas vezes, nós é que não queremos entender o que nós mesmos fazemos.

E, através da indústria naval, poderemos mostrar ao mundo que os nossos irmãos trabalhadores noruegueses são extraordinários, até porque tenho muita relação com o movimento sindical da Noruega; o da Espanha é extraordinário, até porque tenho muita relação com o movimento sindical da Espanha; mas temos que olhar para nós mesmos e dizer: “Olhe, somos amigos de todo mundo mas, na hora de trabalhar, somos mais o povo brasileiro.”

E na indústria naval, me dizia o Carlos Lessa, só neste ano foram gerados, entre Rio de Janeiro e Santa Catarina, 17 mil novos empregos, numa demonstração de que vamos ter que trabalhar muito mais, para gerar muito mais empregos no nosso país. Não são apenas plataformas ou navios encomendados pela Petrobras. Quando criamos o Ministério da Pesca, assumimos o compromisso de fazer também uma recuperação dos nossos barcos pesqueiros. Sabemos que tem navios grandes de pesca oceânica, mas sabemos também que tem pequenos barquinhos de companheiros que eram



metalúrgicos, que estão desempregados e que, muitas vezes, precisam de um financiamento para ter um barquinho para pescar. E nós vamos financiar, através do BNDES, para que essa gente também tenha direito a ter um financiamento.

Estou feliz, porque estou chegando ao final de um ano. Ao final, possivelmente, do ano mais difícil de um governo, porque todos vocês sabem como nós pegamos o Brasil. Todos vocês sabiam da situação. Entretanto, vocês não me viram reclamar em nenhum momento. Eu tomei uma decisão: não lamentar e não culpar ninguém, porque vocês não me elegeram para ficar culpando ninguém. Vocês já me elegeram porque vocês sabiam como é que estava o Brasil. Então, a minha disposição era de fazer com que este país pudesse voltar à tranquilidade.

E, hoje, posso olhar na cara de cada trabalhador, na cara de cada empresário aqui presente, na cara da minha companheira governadora Rosinha, na cara dos meus ministros, dos meus deputados, na cara de cada metalúrgico aqui e dizer para vocês: estou feliz, porque termino o ano com a certeza de que vamos fazer infinitamente muita coisa a mais do que fizemos até agora. Aliás, eu digo sempre: nós temos tudo por fazer ainda. Nós apenas fizemos um alicerce sólido. Nós temos, nesse primeiro ano de governo, o orgulho de olhar na cara de vocês e dizer: mesmo os juros estando altos nós temos, hoje, a menor taxa real de juros dos últimos nove anos do nosso país. E ainda está alto. Imaginem como era antes de nós. Nós tivemos um superávit comercial, neste ano, que vai chegar a 24 bilhões de dólares, se Deus quiser. Depois de dez anos, é a primeira vez que temos superávit de conta corrente de quase 4 bilhões de reais.

Hoje eu assinei, junto com o companheiro Wagner e o ministro Furlan, um plano chamado Modercarga, liberando 2 bilhões de reais do FAT, para que a gente possa renovar a frota de caminhões deste país, que está muito velha, e para que o companheiro caminhoneiro que tiver um caminhãozinho possa



vender e ter um financiamento para um caminhão novo. E aquele que não tem nada e queira comprar um caminhão velho, com até sete anos de uso, também vai ter financiamento para comprar esse caminhão. Mais ainda: ontem, assinei com vários estados a liberação de 1 bilhão e 700 milhões de reais, sete vezes mais do que foi liberado no ano passado, para fazer saneamento básico no nosso país.

E estou convencido, posso olhar na cara de vocês e voltar daqui a um ano para falar: nós vamos fazer muito mais no ano que vem, podem ficar certos de que vamos fazer muito mais. Vamos ter que fazer a economia do Brasil voltar a crescer. Vamos ter que gerar empregos, porque é o emprego que gera renda e riqueza neste país.

Eu digo sempre que é o trabalho que dá dignidade ao ser humano. Eu vim passar, há algum tempo, umas férias aqui em Angra, na época do Natal. Isso aqui estava praticamente fechado. Lembro que parando num bar para tomar uma cerveja, a gente encontrava companheiros e falavam: “Ah, eu sou ex-metalúrgico. Eu trabalhava no estaleiro Velrome. Eu trabalhava não sei onde.” E as pessoas estavam meio tristes.

Hoje, estou vendo a cara de vocês. Estou vendo a cara de vocês e estou dizendo, dentro de mim: quem olhar, aqui, na cara de vocês, vai falar: “esses metalúrgicos conquistaram a sua cidadania. Trabalham, vivem às custas de seus salários e andam de cabeça erguida nas ruas deste país e nas ruas desta cidade.”

Esse projeto que a companheira Dilma anunciou, o Prominp, que a companheira Graça articulou tão bem com a sua assessoria para preparar, talvez seja o programa de maior envolvimento de um conjunto de empresários nacionais, para que possam, governo e empresários, dizer que este país já é grande demais e não pode ficar pedindo licença o tempo inteiro para fazer algumas coisas. Ninguém respeita um governo subalterno, da mesma forma que ninguém respeita um país que age de forma subalterna na sua relação



com o mundo.

Foi por isso que nós fizemos, este ano, uma intensa política internacional, para a gente dizer, nos quatro cantos do mundo: “O Brasil é educado. Vai pedir licença para colocar os pés em cada lugar. Mas, ao mesmo tempo, nós temos direito, queremos andar de cabeça erguida e não queremos viver mendigando espaço no mundo econômico, não. Nós queremos apenas aquilo a que nós temos direito. Não queremos nem mais e nem menos do que ninguém. Mas, também, não queremos ser tratados como se fôssemos um país de segunda categoria, como se fôssemos um país que não merecesse respeito”.

E é isso que estamos fazendo aqui. É por isso que eu estou orgulhoso. Orgulhoso a ponto de chegar na minha casa, poder deitar e dizer: “Mais um dia ganho honestamente”, como vocês dizem todo santo dia, quando encostam a cabeça no travesseiro.

Nós vamos nos encontrar. Podem ficar certos de que nós vamos nos encontrar, porque muita coisa vai acontecer neste país. Nós vamos fazer a reforma agrária que prometemos fazer, e vamos fazê-la com a maior tranquilidade, sem grito e sem briga. Vamos fazer o dever de cumprir os nossos compromissos e, ao mesmo tempo, fazer justiça social no nosso país.

Nós vamos gerar empregos porque entendemos que é o emprego que pode recuperar uma parcela imensa da juventude brasileira que está, hoje, sem perspectiva. Por isso, o companheiro Jaques Wagner criou o Primeiro Emprego.

Nós vamos fazer o Brasil ser mais respeitado no mundo no dia em que a gente conseguir fazer com que o nosso povo tenha qualidade de vida. Durante anos eu ouvia gente dizer: “É preciso fazer a reforma tributária. É preciso fazer a reforma da Previdência, para que não tenha um trabalhador de primeira classe recebendo, às vezes, aposentadoria até de 40 ou 50 mil reais e a maioria do povo trabalhador ganhando uma aposentadoria pequena”.



Fizemos a reforma da Previdência. Foi difícil? Foi. Foi duro? Foi. Fizemos a reforma tributária, tivemos que negociar. Negociamos. Eu não tenho nenhum problema de negociar porque aprendi, desde os 23 anos de idade, como diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, a negociar. Nunca tive medo de cara feia de empresário e muito menos vou ter medo de cara feia de qualquer outra pessoa neste país.

Fizemos a reforma que é necessária para o Brasil. A reforma de que alguns ficaram falando durante 20 anos, nós a fizemos em sete meses, sem ter maioria no Congresso Nacional eleita como base de sustentação.

Construímos a maioria lá, conversando, chamando os deputados a participarem. Com a compreensão dos deputados e dos senadores, hoje eu posso dizer para vocês: temos, finalmente, uma política tributária no Brasil. E temos uma política de previdência para o setor público, que vai garantir que os meus netos, amanhã, possam se aposentar e o Estado ter dinheiro para pagar aos aposentados.

E isso só foi possível fazer por causa da confiança que vocês depositaram em mim. Só foi possível fazer porque em nenhum momento vocês cobraram de mim aquilo que vocês sabiam que não era possível fazer, no tempo em que a gente achava que era necessário fazer.

E por que vocês não me cobraram? Porque a vida de vocês é assim. A vida, dentro da casa de vocês é assim. Quantas vezes um filho de vocês pede um presente e vocês são obrigados a dizer: “Eu não posso comprar o presente, meu filho”. E não é porque você não gosta dele. É porque você é honesto com ele, porque senão seria mais fácil contar uma mentira e prometer um presente maior para o ano que vem, sabendo que não poderia dar. Então, é melhor dizer a verdade, dizer: “Olhe, eu não posso. Não dá para fazer.” Nós vamos fazer aquilo que é possível. Vocês estão lembrados de que comecei dizendo: nós vamos fazer o necessário. Depois, vamos fazer o possível. E, quando menos esperarmos, estaremos fazendo o impossível neste país.



Podem ter certeza de que o Prominp será uma revolução nesse entrosamento, nessa cumplicidade boa entre Estado e empresas. Da mesma forma que quero que vocês tenham certeza de que voltarei aqui, ainda. Eu voltarei. Não sei se pela P-51 ou pela P-90. Sei lá. Não vamos deixar de encontrar petróleo. Portanto, vamos precisar, cada vez mais, construir mais plataformas, porque esse é um sonho nosso, de encontrar cada vez mais petróleo. E, para encontrar cada vez mais petróleo, a gente vai ter que, cada vez mais, cavar buracos. E, como os buracos aqui são cavados no fundo do mar, a gente vai precisar, cada vez mais, de mais plataformas e, cada vez mais, vai se gerar mais empregos.

Por isso, meus companheiros, quero desejar a vocês – da mesma forma que eu, na terça-feira, vou para São Bernardo, passar o Natal com meus filhos – quero que vocês tenham um Natal, junto com a família de vocês, dos melhores que vocês já tiveram. Mas não se esqueçam nunca que a gente tem que ajudar, muitas vezes, aquele que está próximo de nós que não tem emprego, que não vai ter presente de Natal e, quem sabe, nem a tão sonhada ceia de Natal.

Acho que não custa nada cada um de nós, na véspera de Natal, descobrir um companheiro, sei lá, uma companheira que esteja desempregado. E não precisa dar nada, porque as pessoas também não querem, mas pelo menos estender a mão, cumprimentar e dizer: “Meu companheiro, você não está sozinho. Nós, agora, temos um Presidente metalúrgico. Nós, agora, temos um companheiro que conhece a situação que vivemos dentro da fábrica”, e despertar na cabeça desse companheiro a certeza de que 2004 será o grande ano deste nosso querido país.

Muito obrigado. E feliz Natal e feliz Ano-Novo para todos vocês.